

O Apolíneo, Dionisíaco e Socratismo Estético Segundo Friedrich Nietzsche.

Autor: Raike Barone Costa Santos

E-mail: raikebarone@gmail.com

Graduando em filosofia da UESC-Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns aspectos contidos na tragédia grega, tais como o apolíneo e dionisíaco, bem como ressaltar a presença do socratismo estético nas peças de Eurípedes, utilizando como base a obra *O Nascimento da Tragédia* filósofo alemão Friedrich Nietzsche. O presente artigo tem por objetivo apresentar alguns aspectos contidos na tragédia grega, tais como o apolíneo e dionisíaco, bem como ressaltar a presença do socratismo estético nas peças de Eurípedes, utilizando como base a obra *O Nascimento da Tragédia* filósofo alemão Friedrich Nietzsche. O Filósofo alemão também faz menção a estética socrática presente na obra de Eurípedes, bem como a influência de Sócrates sobre ele, além de ressaltar a impotência da música como a forma mais elevada de arte.

1. O Apolíneo e o Dionisíaco.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche na obra *O Nascimento da Tragédia* traz uma análise profunda da tragédia grega. Para Nietzsche a arte grega é fruto de duas forças que não modo algum podem se distanciar, o apolíneo e o dionisíaco.

As visões referentes ao apolíneo e o dionisíaco são metafísicas, sendo que o primeiro faz referência à beleza, aparência, formas, matérias e aspectos cênicos da tragédia. Já o segundo faz referência ao deus Dionísio e carregam em si as características desse deus, como a ideia de metamorfose, o entusiasmo e alegria causados pela embriaguez que transforma a todos os homens em iguais e sem distinção.

Em Nietzsche temos a ideia de Dionísio como um deus cuja força é impossível de ser negligenciada e esquecida, pois é através dele que a realidade

das emoções e extintos é revelada ao homem da maneira como realmente são. Para exemplificar esse pensamento o filósofo cita Eurípedes, que com seu estilo peculiar de tragédia adicionou o prólogo as suas encenações priorizando o aspecto técnico em sua obra. Contudo nem mesmo ele pode escapar da influência do dionisíaco, escrevendo no fim de sua vida a peça *As Bacantes*, que conta o relato de Dionísio provando expressamente que é filho Zeus e limpando a honra de sua falecida mãe Sêmele. Sobre a presença do dionisíaco em na peça de Eurípedes Nietzsche nos diz:

O juízo dos anciãos Cadmo e Tirésias parece também o do poeta: velho: as reflexões dos mais sagazes indivíduos não derrubam aquelas antigas tradições populares, aquela veneração eternamente propagada por Dionísio, sim, que em face de forças tão maravilhosas convém mostrar ao menos prudente cooperação diplomática; e assim é sempre possível que o deus diante de tão tibia cooperação, se ofenda e transforme no fim o diplomata - como aqui Cadmo - em Dragão. Isso nos diz o poeta que resistiu a Dionísio, com foça heroica durante uma longa vida-para no fim dela concluir sua carreira pela glorificação do adversário e em uma espécie de suicídio, com alguém que, sentindo tonturas, só para não escapar da terrível e não mais suportável vertigem, se atirasse do alto da torre. (Nietzsche, 1992, p.79).

Embora Eurípedes tenha assumido a antiga forma de se fazer tragédia na Grécia no fim de sua vida, ao trazer à tona mais uma vez as características dionisíacas nas bacantes, a sua tendência já tinha sido passada a diante e triunfado sobre a antiga tradição. Contudo, para Nietzsche, os aspectos técnicos da tragédia eurípidiana não trazem à tona os aspectos dos deuses Apolo e, com exceção de *As Bacantes*, Dionísio, antes passam a ter um aspecto que o filósofo denomina como socrático. A presença do socrático frente ao dionisíaco causa uma contradição, ao qual ocasionou a baixa na tragédia.

A se por um lado vemos a tentativa de Eurípedes de extirpar de sua obra a embriaguez dionisíaca, de outro tão pouco podemos perceber o apego pela aparência que leva ao apolíneo, com ele perde-se a frieza sem afetos ao qual é transmitida pelo ator, e passa-se a atuação apaixonada. Sobre esse aspecto da obra eurípidiana Nietzsche escreve:

Como se comporta esse ideal de drama apolíneo frente a peça eurípidiana? Tal como o repsodo da época antiga para com o rapsodo mais jovem cujo caráter o *Ion* platônico também descreve “Quando digo algo de triste meus olhos se enchem de lagrimas, mas se o que digo é horrível e tremendo, então os cabelos da minha cabeça se eriçam de terror e meu coração palpita”. Aqui já não notamos mais

aquele épico perder-se na aparência, da frieza sem afetos do verdadeiro ator, ao qual, precisamente sua suprema atividade, é toda aparência e prazer pela aparência. (Nietzsche, 1992, p. 80).

Sendo assim a obra de Eurípedes teve que prender a atenção do público através de outras vias: substituiu o prazer na aparência do apolíneo pelas atuações de paixões ardentes, e preferiu salientar as ações realistas ao invés da embriaguez dionisíaca, caminhando por vias que Nietzsche considera de inartísticas.

2. O Socratismo Estético

Nietzsche denomina de socratismo estético a ideia de, para que algo seja belo esse algo deve ser inteligível, em paralelo a sentença socrática que afirma que só o sabedor é virtuoso. Na visão de Nietzsche as ideias do socratismo estético estão intrinsecamente atreladas à obra eurípidiana de tal modo que era perceptível até mesmo para seus contemporâneos. Os nomes de Sócrates e Eurípedes eram sempre citados em par, principalmente entre os atenienses que sentiam uma nostalgia do passado, ou entre aqueles que faziam alusão aos tempos idos para recriminar certas práticas consideradas imorais na sua época. Tal era a força de Sócrates como pilar moral que alguns que tiveram contato a comédia *As nuvens* de Aristófanes, ao qual retrata o filósofo com um Sofista e o rebaixa ao ridículo, tomaram partido por Sócrates contra Aristófanes. Sobre isso Nietzsche nos diz:

Nesse tom meio indignado e meio desdenhoso, sói a comédia aristofonesca falar daqueles dois homens, para o espanto dos modernos, que na verdade renunciam de bom grado a Eurípedes, mas não podem parar de admirar que Sócrates apareça em Aristófanes como primeiro e supremo sofista, como espelho e o resumo de todas as aspirações sofisticas diante disso só lhes resta um consolo, o de colocar o próprio Aristófanes como um devasso e mentiroso Alcibiades da poesia. (Nietzsche, 1992, p. 84).

Em busca de melhor ressaltar a influência do pensamento de Sócrates sobre a obra de Eurípedes Nietzsche relata que, a presença pública do filósofo como espectador das tragédias só se dava quando era uma peça de Eurípedes

a ser apresentada, e que o mesmo oráculo que revelou Sócrates como o mais sábio dentre os homens, foi o mesmo que sentenciou a Eurípedes ao segundo lugar.

Sócrates tinha profunda aversão pela tragédia, em seu pensamento a atitude dos autores de escrever por simples instinto se comparava a uma determinada presunção do saber, revelando a ignorância dos mesmos sobre seu próprio instrumento de trabalho. A visão da estética socrática procura apreender e revelar a não só a fiabilidade da arte como ética vigente, como também o poder da ilusão causado pelo ato cênico. Sendo assim a estética socrática busca apreender a realidade por meio das artes, desprezando a embriaguez dionisíaca e a aparência apolínea.

Nietzsche ressalta que o pensamento socrático tem tendido a desconfiar do instinto puro, desta forma o que para maioria das pessoas seria uma força motora, criativa e afirmativa, no pensamento socrático perde seu lugar a consciência. No pensamento de Sócrates temos uma distinção bem delineada da filosofia em relação à tragédia, sobre isso Nietzsche escreve:

A Sócrates, porém, parece que a arte trágica “nunca diz a verdade”; sem considerar o fato de que se dirigia aquele que “não tem muito entendimento”, portanto não aos filósofos: daí um duplo motivo para manter-se dela afastado. (Nietzsche, 1992, p. 87).

Para Sócrates a arte trágica não tinha conexão com a realidade ou com a verdade, além de estar repletas de adutores que mascaravam o real em troca do agradável. Desse modo era indispensável para qualquer um que quisesse ser seu discípulo se afastar permanentemente dessas artes.

Platão, discípulo mais conhecido de Sócrates, por amor a seu mestre também teceu críticas a forma de arte trágica, porém Nietzsche nos mostra que o pensamento platônico criou um sistema interno muito semelhante a o que ele era expressamente contra. Ora, se por um lado a arte trágica trazia consigo os aspectos líricos e dramáticos representados nas imitações e nas cenas, os diálogos platônicos salvaram a poesia grega do desaparecimento, e essa empreitada, mesmo que contra a vontade de Platão, deu origem, segundo Nietzsche, ao protótipo do gênero literário que mais tarde seria denominado de Romance.

Por meio dos diálogos platônicos Sócrates toma o lugar do herói trágico eurípidiano, tendo que agir conforme a razão para mostrar os argumentos e contra argumentos de suas teses. Desta forma Platão faz com que o pensamento filosófico não só se aliasse a arte, como também possibilitou que ele a perpassasse.

É interessante notar que o pensamento antidionisíaco já existia antes de Sócrates, contudo é inegável que a partir de sua figura essa tendência foi acentuada. Visto isso, Nietzsche nos faz refletir sobre o paradoxo artístico que é o personagem de Sócrates nos diálogos platônicos, sobre isso ele escreve:

É tão certo que o efeito imediato do impulso socrático visava a destruição da tragédia dionisíaca que a profunda experiência vital do próprio Sócrates nos obriga a perguntar se existe *necessariamente*, entre o socratismo e a arte, apenas uma relação antipódica, e se o nascimento de um “Sócrates artístico” não é em si algo absolutamente contraditório. (Nietzsche, 1992, p. 90).

Nietzsche apresenta uma possível causa para opinião de Sócrates sobre a tragédia, na visão dele o filósofo antigo era um homem demasiado teórico. Nietzsche define o homem teórico como alguém que é apegado ao existente, e que tem prazer no desvelamento do mundo e na verdade. Deste modo Sócrates como esse tipo de homem é um antagonista da tragédia, pois está representando justamente a fantasia presente no imaginário do homem.

Na visão de Nietzsche a posição socrática sobre a busca da verdade e o apego à realidade em detrimento da ilusão passou a posteridade o que mais tarde seria o caráter da ciência, pois ela, assim como Sócrates, tende a se basear na tentativa de apreender a realidade e explicá-la racionalmente, a fim de tornar o mundo o mais transparente possível.

Os juízos socráticos, têm o intuito de oferecer ao mundo uma espécie de medicina natural, que compreende o conhecimento da realidade como remédio para toda a ignorância, tendo como ideal mais elevado separar o erro do verdadeiro conhecimento. Porém o encarregado de levar esse remédio ao mundo é o Sócrates do paradoxo platônico que, ao mesmo tempo em que repudiava certos tipos de arte grega, fazia de seus diálogos uma forma particular de poesia, levando ao leitor mais atento a desejar as aspirações de Sócrates,

tendo nele um ideal de sabedoria. Podemos compreender melhor esse fato quando em *O Nascimento da Tragédia* Nietzsche afirma que:

Quem experimentou em si próprio prazer de um conhecimento socrático e percebe como este procura abarcar, em círculos cada vez mais largos o mundo inteiro dos fenômenos, não sentira daí por diante nenhum aguilhão capaz de incitá-lo com a existência com maior ímpeto do que o desejo de completar essa conquista e de tecer a rede com firmeza impenetrável. A alguém que esteja com disposição de espírito o Sócrates platônico a de aparecer como mestre de uma forma totalmente nova de “serenojovialidade grega” e felicidade de existir, forma que procura descarregar-se em ações e vai encontrar tais descargas sobre tudo em influências maiêuticas de educativas sobre jovens nobres como fito de produzir finalmente o gênio. (Nietzsche, 1992, p 95)

Nietzsche faz uma observação mais acentuada acerca do papel do pensamento socrático no desenvolvimento da ciência. Para ele a ciência herdou do socratismo certo otimismo característico daquele que, desprezando a fantasia contida na tragédia, tende a distanciar o homem de uma visão trágica do mundo. O fato é que, segundo o pensamento de Nietzsche, enquanto o dionisíaco tenta mostrar a realidade de forma trágica, a ciência, por meio de um desempenho socrático, tenta resolver a os problemas da condição humana.

Para Nietzsche a tragédia é caracterizada por transições criadas por determinadas pelejas e contradições, de modo a fazer com que o espectador mergulhe tão fundo em sua arte que ele acaba também tendo que, através de seus sentimentos e emoções, lutar ao lado do herói trágico. Além disso, a tragédia é o retrato da condição atual do homem, que vive entre o otimismo da ciência, e a necessidade da arte para explicar a incógnita que é a vida.

Para melhor explicar sua opinião sobre a tragédia grega, Nietzsche busca conceituar com um pouco mais de detalhes o que pra ele é um dos principais atributos da mesma, ou seja, a presença dos Dois deuses responsáveis pelos elementos da arte trágica, Apolo e Dionísio. Apolo é considerado por Nietzsche como aquele que é responsável por manter as aparências no espetáculo e o que o filósofo chama de *princípium individualitionis* único através do qual é possível de se alcançar a redenção da aparência. Porém a força de Dionísio, antagônico a seu irmão Apolo, rompe com o jogo de aparências e penetra no mais íntimo, revelando o verdadeiro sentimento e condição humana através da arte.

Deste modo o apolíneo é exemplificado por Nietzsche como se fazendo presente através das artes plásticas, já o dionisíaco está contido nas artes de cunho musical. É interessante notar que para o filósofo a música é uma das maiores expressões artísticas, chegando a te mesmo a comparar a uma linguagem universal quando afirma que:

A música é, por conseguinte, quando encarada como a expressão do mundo, uma linguagem universal demais alto grau, que inclusive está para a universalidade dos conceitos mais ou menos como esses conceitos estão para as coisas individuais. A universalidade não é de modo algum aquela universalidade vazia da abstração, mas uma espécie de completamente diversa e esta ligada a uma nítida e completa determinação. (Nietzsche, 1992, p. 98-99).

Desta forma a música tem o poder de exteriorizar o mais íntimo dos sentimentos humanos, e aliada a um determinado momento interno e situação externa pode produzir no indivíduo diferentes recordações e emoções. Assim a música, para Nietzsche, é superior a todas as outras artes pelo fato de ela não ser um reflexo do fenômeno ou da objetividade da vontade, antes ela é o reflexo da própria vontade, portanto a música é representada como um ente metafísico para tudo o que é físico no mundo, como se esse fosse a própria música corporificada.

Ainda sobre a arte dionisíaca Nietzsche afirma que ela tende a nos atrair para um suposto prazer eterno na existência, porém no decorrer da vida o ser humano é obrigado a adentrar no tormento da vivência individual. Embora exista um prazer momentâneo no dionisíaco é inegável e inevitável que a vida é repleta de sofrimentos e tormentos que acontecem ao acaso ao ele não pode de nenhuma forma se livrar permanentemente.

Ao analisar a música como a maior de todas as artes Nietzsche conclui que o espírito dionisíaco na tragédia grega surge a partir tem do coro da peça. Embora popular, a tragédia grega nunca demonstrou com nitidez um significado conceitual nem a poetas e nem a filósofos, de modo que o mito trágico não encontrou um sentido nítido na palavra falada. Os elementos cênicos, e os diálogos revelam uma sabedoria mais profundo do que o poeta pode

compreender, para exemplificar essa afirmação Nietzsche cita o autor William Shakespeare na obra *Hamlet*, onde o personagem principal fala mais superficial do que age, de modo a fazer da cena mais do que um conjunto separado de falas e atos, mostrando um conjunto de elementos cujo sentido necessita de uma análise aprofundada.

Conclusão

A obra *O Nascimento da Tragédia* nos mostra a influência do apolíneo e do dionisíaco na tragédia grega, bem como o aspecto do socratismo estético na mesma. Nietzsche nos mostra a passagem do apogeu da arte dramática grega até a perda dos aspectos principais, em especial nas obras de Eurípedes, que imbuído do espírito socrático tendeu em negligenciar e abandonar ao modo que as artes cênicas eram feitas anteriormente. É interessante notar que o socratismo estético e sua procura pela verdade apresentou o protótipo do que mais tarde viria a ser uma das características principais da ciência. Desta forma os pontos abordados por Nietzsche trazem não só um conhecimento sobre a tragédia grega, como também uma reflexão sobre sua influência no ser humano.

Referências Bibliográficas

Nietzsche, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

Eurípedes. **As Bacantes**. Rio de Janeiro: Editora Hedra. 2010.

Aristofanes. **As Nuvens**. Expresso Zahar, 1995.